UNIVERSIDADE DO MINHO

EXAME "+ 23 anos" **PROVA ESPECÍFICA**

2016.06.15 ***FILOSOFIA E PENSAMENTO CRÍTICO***

(Prova especialmente adequada a avaliar a capacidade para a frequência do ensino superior dos indivíduos maiores de 23 anos)

Duração da Prova: 2 horas + 30 minutos tolerância

Leia atentamente toda a prova, antes de começar a responder.

I

Responda às seguintes questões:

«A Filosofia tem estado há muito tempo em guerra com a Retórica, desde o tempo de Platão. Platão disse que a Retórica é usada por sofistas, baseando-se apenas em aparências (…) Segundo Platão, o sofista (…) pode fazer com que o pior argumento pareça melhor, ou o melhor argumento pareça pior, recorrendo a truculências. A Filosofia, pelo contrário, na teoria platónica, pode conduzir-nos à verdade fixa e imutável de uma questão (…)» (Douglas Walton, *Media Argumentation*. 2007: 2)

1. Explicite as relações entre **lógica** e **retórica**.

2. As seguintes peças textuais encerram **falácias**:

A. «Ninguém conseguiu até agora provar que os seres humanos são responsáveis pelo aquecimento global. Em razão disso, podemos concluir que os seres humanos não são responsáveis pelo aquecimento global.»

B. «Não me sinto culpado por ter copiado no teste de Filosofia do Professor Descartes. Afinal de contas, metade da turma copia nesses testes!»

2.1. Identifique, pelas suas designações mais comuns, as falácias nelas cometidas.

2.2. Explique o que caracteriza as falácias de cada um dos tipos.

II

Responda às seguintes questões:

1. Em que é que a Ética das Virtudes se distingue de outras teorias éticas que conheça? Partindo da diferença que identificou, compare a Ética das Virtudes com uma teoria rival à sua escolha.

2. Esclareça a seguinte afirmação de John Rawls em *Uma Teoria da Justiça* e apresente os problemas e soluções que o autor faz decorrer dela:

> «A justiça é a primeira virtude de uma sociedade.»

III

Responda a **UMA** das seguintes questões:

1 – «A visão comum de que a arte se encontra no prazer que dela obtemos foi considerada deficiente em vários aspetos. Primeiro, não é claro que o que é em geral visto como o melhor na arte seja, exceto para aqueles "laboriosamente preparados para o desfrutar", uma verdadeira fonte de diversão. Segundo, se o valor da arte é o prazer, isso faz com que seja quase impossível explicar as várias discriminações que são estabelecidas entre, e no interior de várias obras e formas de arte. Terceiro, é difícil ver como é que a teoria do prazer poderia sustentar os tipos de distinções avaliativas feitas entre arte e não-arte nas instituições culturais e educacionais da nossa sociedade. Podemos tentar remendar a teoria do prazer falando de prazeres mais elevados, ou distintamente estéticos. Mas, na verdade, nenhuma dessas distinções parece ser sustentável. Mesmo se substituirmos o prazer estético por uma conceção kantiana de beleza, somos conduzidos na direção errada, nomeadamente em direção ao estado mental do público e, assim, parece que perdemos qualquer possibilidade de explicar o valor peculiar das obras de arte em si mesmas.» (Gordon Graham, *Filosofia das Artes: Introdução à Estética*. Edições 70, Lisboa, 2001, pp. 39-40.)

> Fazendo apelo a outras teorias sobre o que dá valor à arte, concorda, ou não, com a tese defendida pelo autor e por que razões?

2. «O meu objetivo ao escrever este livro é ajudar a remediar esta situação, apresentando a um público mais vasto uma versão abreviada dos argumentos a favor da existência de Deus apresentados no meu livro anterior, *The Existence of God* (1979). A estrutura básica do meu argumento é esta: os cientistas, historiadores e detetives observam dados e avançam a partir deles em direção a uma certa teoria acerca do que melhor explica a sua ocorrência. Podemos analisar os critérios que usam ao chegar à conclusão de que uma certa teoria acomoda melhor os dados do que outra — isto é, que tem mais probabilidades, com base nesses dados, de ser verdadeira. Usando esses mesmos critérios, descobrimos que a perspetiva de que Deus existe explica tudo aquilo que observamos e não apenas um conjunto limitado de dados. Explica o próprio facto de haver universo, de as leis científicas atuarem nele, de ele conter animais conscientes e seres humanos com corpos intricadamente organizados e muito complexos, de termos oportunidades em abundância para promover o desenvolvimento, nosso e do mundo, bem como factos mais específicos, como o de os seres humanos relatarem a ocorrência de milagres e terem experiências religiosas. Na medida em que as causas e as leis científicas explicam algumas destas coisas (e, em parte, explicam), estas mesmas causas e leis carecem de explicação; a ação de Deus explica-as. Os mesmíssimos critérios que os cientistas usam para chegar às suas próprias teorias levam-nos a avançar para além dessas teorias, em direção a um Deus criador, que garante a existência de tudo.» (Richard Swinburne, *Será Que Deus Existe?* Lisboa, Gradiva, 1998).

Tomando o texto como ponto de partida, e tomando posição em relação ao argumento do autor, escreva um ensaio bem estruturado em que procure desenvolver uma reflexão acerca dos argumentos a favor e contra a existência de Deus.

IV

Responda a **DUAS** das seguintes questões:

1. «Kant rejeita a possibilidade de um conhecimento *a priori* da realidade tal como é em si mesma e de objetos que estão além de qualquer experiência possível. Ele argumenta, no entanto, que podemos ter e temos conhecimento informativo de princípios necessários e universalmente verdadeiros sobre nossa experiência.» (Lucas Thorpe, *The Kant Dictionary*. 2015: 74).

Mostre como pretendeu Kant sustentar uma tal posição gnosiológica sem entrar em contradição.

2. «(…) a visão de longa data de que os cientistas devem tentar derivar leis da natureza generalizáveis a partir de acontecimentos ou factos específicos no mundo é errada e fútil. Mais (…) o problema da indução implica que quaisquer teorias que desenvolvamos jamais possam ser cientificamente *provadas* (…) O enunciado "A fortaleza é inexpugnável" não pode ser *provado* por qualquer número de tentativas mal sucedidas de romper as suas defesas, mas pode ser decisivamente *refutada* por uma única tentativa bem-sucedida.» (Phil Parvin, *Popper*. 2010: 37.)

a) Identifique o posicionamento epistemológico inerente à passagem sublinhada e o autor que originalmente o propôs?

b) Caraterize esse posicionamento e explicite em que medida ele constitui uma resposta ao problema da indução.

3. «O desenvolvimento científico depende em parte de um processo de mudança não-incremental ou revolucionário. Algumas revoluções são grandes, como aquelas associadas aos nomes de Copérnico, Newton, ou Darwin, mas a maioria são muito menores, como a descoberta do oxigênio ou do planeta Urano. O prelúdio habitual a mudanças desse tipo é, acreditava eu, a consciência da anomalia, de uma ocorrência ou conjunto de ocorrências que não se encaixam em formas existentes de ordenação de fenómenos.» (Thomas Kuhn, *The Essential Tension*. 1977: xvii)

Recorrendo aos conceitos usados por Thomas Kuhn para explicar o desenvolvimento do conhecimento científico, justifique as teses apresentadas no texto.

FIM

COTAÇÃO:

Grupo I - cada pergunta 25 pontos = 50
Grupo II - cada pergunta 30 pontos = 60.
Capítulo III - cada pergunta 30 pontos = 30.
Capítulo IV - cada pergunta 30 pontos = 60
Total - 200 pontos